

THE GREAT CONTROVERSY
CHS. 29,3,25
PORTUGUESE

CAPÍTULO 29

Por que Existe o Sofrimento?

PARA muitos espíritos, a origem do pecado e a razão de sua existência são causa de grande perplexidade. Vêm a obra do mal, com seus terríveis resultados de miséria a desolação, e põem em dúvida como tudo isso possa existir sob o reinado de um Ser que é infinito em sabedoria, poder a amor. Eis um mistério, para o qual não encontram explicação. E, em sua in-certeza a dúvida, tornam-se cegos para verdades plenamente reveladas na Palavra de Deus, a essenciais à salvação. Existem os que, em suas pesquisas concernentes à existência do pecado, se esforçam por esquadriñar aquilo que Deus nunca revelou; por isso não encontram solução para suas dificuldades; a os que mostram tal disposição para a dúvida a cavilação, aproveitam-se disto como desculpa para rejeitar as palavras das Sagradas Escrituras. Outros, entretanto, deixam de ter uma compreensão satisfatória a respeito do grande problema do mal, devido a te-rem a tradição e a interpretação errônea obscurecido o ensino da Bíblia relativo ao caráter de Deus, à natureza de Seu gover-no, a aos princípios que regem Seu trato com o pecado.

E impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar a razão de sua existência. Todavia, bastante se pode compreender em relação à origem, bem como à disposição final do pecado, para que se faça amplamente manifesta a justiça a benevolência de Deus em todo o Seu trato com o mal. Nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que o fato de não haver sido Zeus de maneira alguma responsável pela manifestação do pecado; a de não ter havido qualquer retirada arbitrária da graça divina, nem deficiência no governo divino, para que dessem motivo ao irrompimento da rebelião. O pecado é um intruso, par cuja presença nenhuma razão se pole dar. E misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se causa para a sua existência, deixaria de ser pecado. Nossa única definição de pecado é a que é dada na Palavra de Deus; é: "quebrantamento da lei;" é o efeito de um princípio em conflito com a grande lei do amor, que é o fundamento do governo divino.

Antes da manifestação do mal, havia paz a alegria por todo o Universo. Tudo estava em perfeita harmonic com a vontade do Criador. O amor a Deus era supremo; imparcial, o amor de uns para com outros. Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai - um na natureza, no caráter a no propósito - e o único Ser em todo o Universo que poderia entrar nos conselhos a propósitos de Deus. Por Cristo, o Pai efetuou a criação de todos os seres celestiais. "NEle foram criadas todas as coisas que há nos céus . . . sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades" (Colossenses 1:16); e tanto para com Cristo, como para com o Pai, todo o Céu mantinha lealdade.

Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados dependia de sua perfeita harmonic com seus grandes princípios de justiça. Zeus deseja de todas as Suas criaturas serviço de amor w homenagem que brote de uma apreciação inteligente de Seu caráter. Ele não tem

prazer em uma submissão forçada, e a todos confere vontade livre, para que possam prestar-Lhe serviço voluntário.

Houve, porém, um ser que preferiu perverter esta liberdade. O pecado originou-se com aquele que, abaixo de Cristo, fora o mais honrado por Deus, e o mais elevado em poder e glória entre os habitantes do Céu. Antes de sua queda, Lúcifer foi o primeiro dos querubins cobridores santo e incontaminado. "Assim diz o Senhor Jeová: Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; toda a pedra preciosa era a tua cobertura." "Tu eras querubim ungido para proteger, e tu estabeleci: no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogeadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti." Ezequiel 28: 12-15.

Lúcifer poderia ter permanecido no favor de Deus, ser amado e honrado por toda a hoste angélica, exercendo suas nobres faculdades, a fim de abençoar outros e glorificar o seu Criador. Mas, diz o profeta: "Elevou-se o teu coração por cause da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por cause do teu resplendor." Ezequiel 28:17. Pouco a pouco Lúcifer veio a condescender com o desejo de exaltação própria. "Estimas o teu coração como se fore o coração de Deus." "E tu dizias: . . . Acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei . . . Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo." Ezequiel 28:6; Isaías 14:13 a 14. Em vez de procurar fazer com que Deus fosse .supremo nas afeições e lealdade de Suas criaturas, era o esforço de Lúcifer conquistar para si o seu serviço e homenagem. E, cobiçando a honra que o infinito Pai conferira a Seu Filho, este príncipe dos anjos aspirou ao poder de que era a prerrogativa de Cristo, unicamente, fazer uso.

O Céu todo se regozijava com refletir a glória do Criador e celebrar o Seu louvor. E, enquanto Deus assim fore honrado, tudo era paz e alegria. Uma note dissonante, porém, deslustrava agora as harmonies celestiais. O serviço e exaltação em prol do eu, contrários ao plano do Criador, despertavam prenúncios de males nas mentes e a glória de Deus era suprema. Os concílios celestiais instavam com Lúcifer. O Filho de Deus lhe apresentava a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, e a natureza sagrada e imutável de sua lei. Deus mesmo havia estabelecido a ordem do Céu; e, afastando-se dela, Lúcifer desonraria a seu Criador, trazendo sobre si a ruína. Mas a advertência, feita com amor e misericórdia infinitas, unicamente suscitou espírito de resistência. Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja e pare com Cristo, a mais decidido se tornou.

O orgulho de sua própria glória alimentava o desejo de supremacia. As elevadas honras conferidas a Lúcifer não eram apreciadas como um dom de Deus, e não despertavam gratidão para com o Criador. Ele se gloriava em seu resplendor e exaltação, e aspirava a ser igual a Deus. Era amado e reverenciado pela hoste celestial. Anjos deleitavam-se em executar suas ordens, e, mais que todos eles, estava revestido de sabedoria e glória. Todavia, o Filho de Deus era o reconhecido Soberano do Céu, igual ao Pai em poder e autoridade. Em todos os conselhos de Deus, Cristo tomava parte, enquanto a Lúcifer não era assim permitido entrar em conhecimento dos propósitos divinos. "Por quê," perguntava o poderoso anjo, "deveria Cristo ter a supremacia? Por que é Ele desta maneira mais honrado do que Lúcifer?"

Deixando seu lugar na presença imediata de Deus, saiu a difundir o espírito de descontentamento entre os anjos. Operando em misterioso segredo, a escondendo durante algum tempo o seu intuito real sob o disfarce de reverência a Deus, esforçou-se por suscitar o desgosto em relação às leis que governavam os seres celestiais, insinuando que elas impunham uma restrição desnecessária. Visto serem de natureza santa, insistia em que os anjos obedecessem aos ditames de sua própria vontade. Procurou arregimentar as simpatias em seu favor, propalando que Deus o tratara injustamente ao conferir honra suprema a Cristo. Alegava que, anelando maior poder a honra, não pretendia a exaltação própria, mas procurava conseguir liberdade para todos os habitantes do Céu, a fim de por este meio poderem alcançar condição mais elevada de existência.

Deus, em Sua grande misericórdia, suportou longamente a Satanás. Este não foi imediatamente degradado de sua posição elevada, quando a princípio condescendeu com o espírito de descontentamento, nem mesmo quando começou a apresentar suas falsas pretensões diante dos anjos fiéis. Muito tempo foi ele conservado no Céu. Reiteradas vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrepenhasse e se submetesse. Esforços que apenas o amor e a sabedoria infinitos poderiam conceber, foram feitos a fim de convencê-lo de seu erro. O espírito de dissabor nunca antes fora conhecido no Céu. O próprio Lúcifer não via a princípio para onde estava a encaminhar-se; não compreendia a verdadeira natureza de seus sentimentos. Mas, sendo-lhe demonstrado que seu descontentamento era sem causa, convenceu-se Lúcifer de que estava em erro, de que as reivindicações divinas eram justas, e de que as deveria reconhecer como tais perante todo o Céu. Houvesse ele feito isto, a poderia haver salvo a si mesmo e a muitos anjos. Por esse tempo não havia ainda renunciado completamente a sua fidelidade para com Deus. Posto que houvesse perdido a posição de querubim cobridor, teria sido reintegrado em seu mister, caso houvesse desejado voltar a Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador, a estivesse satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano de Deus. Mas o orgulho o impediu de submeter-se. Persistentemente defendeu seu próprio caminho, sustentando que não havia necessidade de arrependimento, e entregou-se por completo ao grande conflito contra seu Criador.

Todas as faculdades de sua mente superior foram então aplicadas à obra do engano, a fim de conseguir a simpatia dos anjos que tinham estado sob suas ordens. Mesmo o fato de que Cristo o advertira a aconselhara, foi pervertido de maneira a servir a seus desígnios traidores. Àqueles, cuja afetuosa confiança mais intimamente os ligava a ele, Satanás simulou haver sido julgado tal, que sua posição não fora respeitada, a que se queria cercar-lhe a liberdade. Da falsa interpretação das palavras de Cristo, passou à prevaricação e à falsidade direta, acusando o Filho de Deus de intentar humilhá-lo perante os habitantes do Céu. Procurou também criar uma falsa situação entre ele próprio e os anjos fiéis. A todos quantos não pôde subverter e levar completamente para seu lado, acusou-os de indiferença aos interesses dos seres celestiais. A mesma obra que ele próprio estava a fazer, assacou-a aos que permaneciam fiéis a Deus.

E com o fim de sustentar sua acusação de injustiça por parte de Deus para com ele, recorreu à falsa interpretação das palavras a atos do Criador. Era sua tática tornar perplexos os anjos pelos capciosos argumentos relativos aos propósitos divinos. Tudo que era simples ele envolvia em mistério, e mediante artificiosa perversão lançava dúvida às mais compreensíveis declarações de Jeová. Seu elevado cargo,

em tão íntimo contato com a administração diving, emprestava maior força às sags alegações, a muitos eram induzidos a unir-se-lhe em rebelião contra a autoridade do Céu.

Zeus, em Sua sabedoria, permitiu que Satanás levasse avante sua obra, até que o espírito de dissabor amadurecesse em ativa revolta. Era necessário que seas pianos se desenvolvessem completamente, para que sua verdadeira natureza a tendência pudessem ser vistas por todos. Como querubim ungido, Lúcifer fora altamente exaltado; grandemente amado pelos seres celestiais, era forte sua influência sobre eles. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas de todos os mundos que Ele havia criado; a Satanás pensou que se ele pôde levar consigo os anjos do Céu à rebelião, poderia também levar os outros mundos. Ardilosamente apresentara o lado da questão que lhe dizia respeito, empregando sofismas a fraude a fim de atingir seas objetivos. Seu poder para enganar era muito grande e, disfarçando-se sob o manto da falsidade, obtivera vantagem. Mesmo os anjos fiéis não lhe podiam discernir perfeitamente o caráter, ou ver para onde levava a sua obra.

Satanás fora altamente honrado, sendo todos os seas stns de tai maneira revestidos de mistério, que difícil era desvendar aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, o pecado não pareceria o mal que em realidade era. Até ali não ocorrera ele no universo de Deus, e os seres santos não tinham qualquer concepção de sua natureza a malignidade. Não podiam discernir as terríveis conseqüências que resultariam de se pôr de parte a lei diving. Satanás a princípio ocultara sua obra sob uma profissão capciosa de lealdade a Deus. Alegava estar procurando promover a honra de Deus, a estabilidade de Seu governo, e o bem de todos os habitantes do Céu. Ao mesmo tempo em que incutia o descontentamento no espírito dos anjos a ele subordinados, dava astutamente a impressão de que estava procurando remover o dissabor. Quando insistia em que se fizessem mudanças na ordem e nas leis do governo de Deus, era sob o pretexto de serem elas necessárias a fim de preservar a harmonia no Céu.

Em Seu trato com o pecado, apenas podia Deus empregar a justiça e a verdade Satanás podia fazer uso daquilo que Deus não usaria: lisonja a engano. Procurara falsificar a Palavra de Deus, a representara falsamente Seu plano de governo perante os anjos, alegando que Deus não era justo ao estabelecer leis e regras aos habitantes do Céu; que, exigindo de Suas criaturas submissão a obediência, estava meramente procurando a exaltação de Si próprio. Portanto deveria ser demonstrado perante os habitantes do Céu, bem como de todos os mundos, que o governo de Deus é justo, a perfeita a Sua lei. Satanás fizera parecer que estava procurando promover o bem do Universo. O verdadeiro caráter do usurpador a seu *objetivo* real deveriam ser por todos compreendidos.

A discórdia que o seu próprio procedimento determinara no Céu, imputou-a Satanás à lei a ao governo de Deus. Todo o mal, declarou ele ser resultante da administração diving. Aleyou ser seu próprio objetivo melhorar os estatutos de Jeová. Conseqüentemente, necessário era que demonstrasse a natureza de suas pretensões, provando o efeito de suas propostas mudanças na lei diving. A sua própria obra deveria condená-lo. Satanás pretendeu desde o princípio que não estava em rebelião. Todo o Universo deveria ver o enganador desmascarado.

Mesmo quando foi decidido que ele não mais poderia permanecer no Céu, a Sabedoria infinite não destruiu a Satanás. Visto que apenas o serviço por error pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça a benevolência. Os habitantes do Céu e de outros mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou conseqüências do pecado, não poderiam ter visto então a justiça a misericórdia de Deus com a destruição de Satanás. Houvesse ele sido imediatamente excluído da existência a teriam servido a Deus antes por terror do que por error. A influência do enganador não teria sido destruída por completo, tampouco o espírito de rebelião se teria desarraigado totalmente. Devia-se permitir que o mal chegasse a sazonar. Para o bem do Universo inteiro, através dos séculos sem-fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, a para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça a misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei.

A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para todo o Universo por todos os séculos vindouros, um testemunho perpétuo da natureza a terríveis resultados do pecado. A conseqüência do governo de Satanás seus efeitos tanto sobre os homens como sobre os anjos mostraria qual o fruto de rejeitar a autoridade divina. Testificaria que, da existência do governo de Deus a de Sua lei, dependem o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez. Destarte, a história desta terrível experiência de rebelião deveria ser perpétua salvaguarda a todos os santos seres, impedindo-os de serem enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado a sofrer o seu castigo.

Até ao final mesmo da controvérsia no C^ou, o grande usurpador continuou a iustificar-se. Quando foi anunciado que, juntamente com todos os que com ele simpatizavam, deveria ser expulso das habitações de bem-aventurança, o chefe rebelde confessou então ousadamente seu desdém pela lei do Criador. Reiterou sua pretensão de que os anjos não necessitam ser dirigidos, mas que deveriam ser deixados a seguir sua propria vontade, que sempre os conduziria corretamente. Denunciou os estatutos divinos como restrição à sua liberdade, declarando ser de seu intento conseguir a abolição da lei; que, livres desta restrição, as hostes do Céu poderiam entrar em condições de existência mais elevada, mais gloriosa.

Concordemente, Satanás a sua hoste lançaram a culpa de sua rebelião inteiramente sobre Cristo, declarando que se eles não houvessem sido exprobrados, não se teriam rebelado. Assim, obstinados a arrogantes em sua deslealdade, procurando em vão subverter o governo de Deus, ao mesmo tempo que, blasfemando, pretendiam ser vítimas inocentes do poder opressivo, o arqui-rebelde a seus sequazes foram afinal banidos do Céu.

O mesmo espírito que produziu a rebelião no Céu, ainda inspire a rebelião na Terra. Satanás tem continuado, com os homens, o mesmo estratagemas que adotou em relação aos anjos. Seu espírito ora reins nos filhos da desobediência. Semelhantes a ele, procuram romper com as restrições da lei de Deus, pro-metendo liberdade aos homens por meio da transgressão dos preceitos da mesma. A reprovação do pecado suscita ainda o espírito de ódio a resistência. Quando a consciência é advertida pelas mensagens divinas, Satanás leva os homens a justificar--se e a procurar a simpatia de outros em seu caminho de pecado. Em vez de corrigirem seus erros, indignam-se contra aquele que repreve, como se fore ele a

cause única da dificuldade. Desde os dias do justo Abel até ao nosso tempo, este é o espírito que tem sido manifestado pare com os que ousam condenar o pe-cado.

Pela mesma representação false do carácter divino, por ele dada no Céu, fazendo com que Deus fosse considerado severo e tirano, Satanás induziu o homem a pacer. E, logrando ser bem sucedido nisto, declarou qua as injustas restrições de Deus haviam motivado a quads do homem, assim como determinaram a sue própria rebelião.

Mas o próprio Eterno proclama o Seu ,caráter: "Jeová, o Senhor, Deus misericordioso a piedoso, tardio em iras a grande em beneficência a verdade, qua guards a beneficência em mi-lhares; qua perdoa a iniquidade, e a transgressão, e o pecado; qua ao culpado não tam por inocente." Exodo 34: 6 e 7.

Banindo Satanás do Céu, declarou Deus a Sua justiça a man-teve a honra de Seu trono. Quando, porém, o homem pecou, cedendo aos enganos desse espírito apóstata, Deus ofereceu uma prove de Seu amor, entregando o unigênito Filho para morrer pals raça decaída. Na expiação revels-se o carácter de Deus. O poderoso argumento da cruz demonstra ao Universo todo qua o caminho do pecado, escolhido por Lúcifer, de maneira alguma era atribuível ao governo de Deus.

Na lute entre Cristo a Satanás, durante o ministério terrestre do Salvador, foi desmascarado o carácter do grande enganador. Nada poderia tão eficazmente ter desarraigado de Satanás as afeições dos anjos celestials a de todo o Universo feel, como o fez a sua guerra cruel ao Redentor do mundo. A ousada blasfêmia de sua pretensão de que Cristo the rendesse homenagem, sew pretensioso atrevimento ao levá-Lo ao curve da montanha a ao pináculo do templo, o malévolu intuito que se denuncia ao insistir com Ele para que Se lançasse da vertiginosa altura, a malignidade vigilante que O assaltava de um lugar a outro, inspirando o coração de sacerdotes a povo a rejeitarem Seu amor, e o brado final: "Crucifica-O, crucifica-O" — tudo isto despertou o assombro e a indignação do Universo.

Foi Satanás que promoveu a rejeição de Cristo por pane do mundo. O príncipe do mal exerceu todo o sew poder a engano a fim de destruir Jesus; pois viu que a misericórdia a amor do Salvador, Sua compaixão a terna brandura estavam representando ao mundo o carácter de Deus. Satanás contestava tudo a que o Filho do homem visava, empregando os homens como sews agentes a fim de encher de sofrimento a tristeza a vida do Salvador. O sofisma a falsidade pelos guias procurara estorvar a obra de Jesus, o ódio manifesto por meio dos filhos da desobediência, suas cruéis acusações contra Aquele cuja vida era de bondade sem precedentes, tudo proveio de um sentimento de vingança profundamente arraigado. Os fogos da inveja e maldade, ódio a vingança, que se achavam contidos, irromperam no Calvário contra o Filho de Deus, ao mesmo tempo que o Céu todo contemplava a cena em silencioso horror.

Ao ser consumado o grande sacrifício, Cristo ascendeu aos Céus, recusando a adoração dos anjos antes que apresentasse o pedido: "Aqueles que Me deste quern que, onde Eu estiver, também eles estejam." S. João 17:24. Então, com amor a poder inexprimíveis, vein a resposta, do trono do Pai: "E todos os anjos de Deus O adorem." Hebrews 1:6. Mancha alguma repousava sobre Jesus. Terminara a Sua humilhação,

completara-se o Sew sacrifício, fora-Lhe dado um nome que é acima de todo nome.

Apresentava-se agora sem escusa a culpa de Satanás. Ele revelars seu verdadeiro caráter como mentiroso a assassino. Viuse que o mesmíssimo espírito com que governara os filhos dos homens, que estiveram sob o seu poder, teria ele manifestádo se the tivesse silo permitido dominar os habitantes do Céu. Pretenders que a transgressão da lei de Deus traria liberdade e exaltação; viu-se, porém, que resultava em degradação a cativoiro.

As mentirosas acusações de Satanás contra o caráter a governo divinos apareceram sob sua verdadeira luz. Acusou a Deus de procurar simplesmente a exaltação de Si mesmo, exigindo submissão a obediência de Suas criaturas, a declarou que, enquanto o Criador reclamava abnegação de todos os outros, Ele próprio não a praticava a não fazia sacrifício algum. Viu-se agora que para a salvação de uma raça caída a pecadora, o Governador do Universo fizera o máximo sacrifício que o amor poderia efetuar; pois "Deus estava em Cristo, reconciliando consign o mundo." II Coríntios 5:19. Viu-se também que, enquanto Lúcifer abrira a ports para o pecado, pelo seu desejo de honras a supremacia, Cristo, a fim de destruir o pecado, Se humilhara a Se fizera obediente até à morte.

Deus manifestara Sua repulsa aos princípios da rebelião. O Céu todo viu a Sua justiça revelada, tanto na condenação de Satanás como na redenção do homem. Lúcifer declarara que se a lei de Deus fosse imutável, a seu castigo não pudesse ser abrandado, todos os transgressores deveriam ser para sempre privados do favor do Criador. Alegara que a raça pecadora se colocara para além da redenção e, conseguintemente, era sua legítima press. A morte de Cristo, porém, era um argumento em prol do homem, argumento que se não poderia confutar. A pens da lei recaiu sobre Aquele que era igual a Deus, ficando livre o homem para aceitar a justiça de Cristo, e, por uma vida de arrependimento a humilhação, triunfar, como o Filho de Deus, sobre o poder de Satanás. Assim, Deus é justo, a justificador de todos os que crêm em Jesus.

Mas não fó'1 meramente para efetuar a redenção do homem que Cristo vein à Terra a aqui sofreu a morreu. Vein para "engrandecer a lei" a "torná-la gloriosa." Não somente para que os habitantes deste mundo pudessem considerar a lei como esta deveria ser considerada, mas para demonstrar a todos os mundos do Universo que a lei de Deus é imutável. Pudessem seus requisitos ser postos de lado, e o Filho de Deus não necessitaria então haver dado Sua vida para expiar a transgressão da mesma. A morte de Cristo prova ser ela imutável. E o sacrifício a que o amor infinito induziu o Pai e o Filho, a fim de que os pecadores pudessem ser salvos, demonstra ao Universo todo (e nada menos que este plano de expiação teria bastado para o fazer) que a justiça e a misericórdia são o fundamento da lei a do governo de Deus.

Na execução final do juízo ver-se-á que nenhuma causa existe para o pecado. Quando o quiz de toda a Terra perguntar a Satanás: "Por que to rebelaste contra Mim, a Me roubaste os súditos de Meu reino?," o originador do mal não poderá apresentar resposta alguma. Toda boca se fechará a todas as hostes rebeldes estarão mudas.

A cruz do Calvário, ao mesmo tempo em que declara ser imutável a lei, proclama ao Universo que o

salário do pecado é a morte. No brado agonizante do Salvador -- "Está consumado" - soou a sentença de morte de Satanás , 1)ecidiu-se então o grande conflito que durante tanto tempo estivera em andamento, a confirmou-se a extirpação do mal. O Filho de Deus transpôs os umbrais do túmulo, a fim de que "pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo." Hebrews 2:14.0 desejo de exaltação própria por parte de Lúcifer, levara-o a dizer: "Acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, . . . serei semelhante ao Altíssimo." Declara Zeus: "Foi tornei em cinza sobre a terra, . . . e nunca mais serás para sempre." Isaías 14:13 a 14; Ezequiel 28:18 a 19. Quando vier aquele dia "ardendo como forno, . . . todos os soberbos, a todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir, os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, de sorte que eles não deixará nem raiz nem ramo." Malaquias 4:1.

O Universo todo terá sido testemunha da natureza e resultados do pecado. E seu completo extermínio, que no princípio teria acarretado o terror dos anjos, desonrando a Deus, reivindicará agora o Seu amor e estabelecerá a Sua honra perante a totalidade dos seres que se deleitam em fazer a Sua vontade, e em cujo coração está a lei divina. jamais o real se manifestará de novo. Diz a Palavra de Zeus: "Não se levantará por duas vezes a angústia." Naum 1:9. A lei de Deus, que Satanás increpara de jugo de servidão, será honrada como a lei da liberdade. Uma criação experimentada e provada nunca mais se desviará da fidelidade para com Aquele cujo caráter foi perante eles amplamente manifesto como expressão de amor insondável e infinita sabedoria.

CAPÍTULO 3

Como Começaram as Trevas Morais

O APÓSTOLO S. Paulo, em sua segunda carta aos tessalonicenses, predisse a grande apostasia que teria como resultado o estabelecimento do poder papal. Declarou que o dia de Cristo não viria "sem que antes venha a apostasia, a se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Zeus, ou se adora; de some que se assentará, como Zeus, no templo de Deus, que-rendo parecer Deus." II Tessalonicenses 2:3 a 4. E, ainda mais, o apóstolo adverte os irmãos de que "já o mistério da injustiça opera." II Tessalonicenses 2:7. Mesmo naqueles primeiros tempos viu ele, insinuando-se na igreja, erros que preparariam o caminho para o desenvolvimento do papado.

Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente dos homens, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Zeus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira metade do século quarto, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e ao culto dos profanos seguidores de Cristo.

Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do "homem do pecado," predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás - monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade.

Uma vez Satanás se esforçou por estabelecer um compromisso mútuo com Cristo. Chegando-se ao Filho de Deus no deserto da tentação, e mostrando-Lhe todos os reinos do mundo e a glória dos mesmos, ofereceu-se a entregar tudo em Suas mãos se tão-somente reconhecesse a supremacia do príncipe das trevas. Cristo repreendeu o pretensioso tentador e obrigou-o a retirar-se. Mas Satanás obteve maior êxito em apresentar ao homem as mesmas tentações. Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás - o bispo de Roma.

Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo,

investido de autoridade suprema sobre os bispos a pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isto, tern-se dado ao papa os próprios títulos da Divindade. Tem sido intitulado: "Senhor Deus, o Papa", a foi declarado infalível. Exige ele a homenagem de todos os homens. A mesma pretensão em que insistia Satanás no deserto da tentação, ele ainda a encarece mediante a igreja de Roma, a enorme número de pessoas estão prontas para render-the homenagem.

Mas os que temem a reverenciam a Deus enfrentam esta audaciosa presunção do mesmo modo por qua Cristo enfrentou as solicitações do insidioso adversário: "Adorarás ao Senhor teu Deus, e a Ele somente servirás." S. Lucas 4:8. Deus jamais deu em Sua Palavra a minima sugestão de qua tivesse designado a algum homem pare ser a cabeça da igreja. A doutrina da supremacia papal opõe-se diretamente aos ensinios das Escrituras Sagradas. O papa não pode tar poder algum sobre a igreja de Cristo, senão por usurpação.

Os romanistas têm persistido em acusar os protestantes de heresia a voluntária separação da verdadeira igreja. Semelhantes acusações, porém, aplicam-se antes a eles próprios. São eles os qua depuseram a bandeira de Cristo, a se afastaram da "fé qua urea vez foi dada aos santos". S. Judas 3.

Satanás barn sabia qua as Escrituras Sagradas habilitariam os homens a discernir seus enganos a resistir a seu poder. Foi pale Palavra qua mesmo o Salvador do mundo resistiu a seus ataques. Em cads assalto Cristo apresentou o escudo da verdade eterna, dizendo: "Está escrito". A cads sugestão do adversário, opunha a sabedoria a poder da Palavra. A fim de Satanás manter o seu domínio sobre os homens a estabelecer a autoridade humane, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras. A Bíblia exaltaria a Deus a colocaria o homem finito em sue verdadeira posição; portanto, suss sagradas verdades deveriam ser ocultadas a suprimidas. Esta lógica foi adotada pale Igreja de Rorna. Durante séculos a circulação da Escritura foi proibida. Ao povo era vedado lê-la ou tê-la em case, a sacerdotes a prelados sem escrúpulos interpretavam-lhe os ensinios de modo a favorecerem sues pretensões. Assim o chafe da igreja veio a ser quase universalmente reconhecido como o vigário de Deus na Terra, dotado de autoridade sobre a igreja e o Estado.

Suprimido o revelador do erro, agiu Satanás, a seu bel-prazer. A profecia declarara qua o papado havia de cuidar "em mudar os tempos e a lei". Daniel 7:25. Pare cumprir esta obra não foi vagaroso. A fim de proporcionar aos conversos do paganismo uma-substituição à adoração de ídolos, a promover assim sue aceitação nominal do cristianismo, foi gradualmente introduzida no culto cristão a adoração das imagens a relíquias. O decreto de um concílio geral () estabeleceu, por fire, este sistema de idolatria.

Pare completar a obra sacrílega, Rome pretendeu eliminar da lei de Deus, o segundo mandamento, que proíbe o culto das imagens, a dividir o décimo mandamento a fim de conservar o número deles.

Este espírito de concessão ao paganismo abriu caminho pare desrespeito ainda maior da autoridade do Céu. Satanás, operando por meio de não consagrados dirigentes da igreja, intrometeu-se também com o quarto mandamento a tentou pôr de lado o amigo sábado, o die que Deus tinha abençoado a santificado (Gênesis 2:2 a 3), exaltando em seu lugar a festa observada pelos pagãos como "o venerável die do Sol." Esta mudança não foi a princípio tentada abertamente. Nos primeiros séculos o verdadeiro sábado foi

guardado por todos os cristãos. Eram estes ciosos da honra de Deus, e, crendo que Sua lei é imutável, zelosamente preservavam a santidade de seus preceitos. Mas com grande argúcia, Satanás operava mediante seus agentes para efetuar seu objetivo. Pare que a atenção do povo pudesse ser chamada para o domingo, foi feito deste uma festividade em honra da ressurreição de Cristo. Atos religiosos eram nele realizados; era, porém, considerado como dia de recreio, sendo o sábado ainda observado como dia santificado.

A fim de preparar o caminho para a obra que intentava cumprir, Satanás induzira os judeus, antes do advento de Cristo, a sobrecarregar o sábado com as mais rigorosas imposições, tornando sua observância um fardo. Agora, tirando vantagem da falsa luz sob a qual ele assim fizera com que fosse considerado, lançou o desdém sobre o sábado como instituição judaica. Enquanto os cristãos geralmente continuavam a observar o domingo como festividade prazenteira, ele os levou, a fim de mostrarem seu ódio ao judaísmo, a fazer do sábado dia de jejum, de tristeza a pesar.

Na primeira parte do século quarto, o imperador Constantino promulgou um decreto fazendo do domingo uma festividade pública em todo o Império Romano. O dia do Sol era venerado por seus súditos pagãos e honrado pelos cristãos; era política do imperador unir os interesses em con-

flito do paganismo e cristianismo. Com ele se empenharam para fazer isto os bispos da igreja, os quais, inspirados pela ambição e sede do poder, perceberam que, se o mesmo dia fosse observado tanto por cristãos como pagãos, promoveria a aceitação nominal do cristianismo pelos pagãos, e assim adiantaria o poderio e glória da igreja. Mas, conquanto muitos cristãos tementes a Deus fossem gradualmente levados a considerar o domingo como possuindo certo grau de santidade, ainda mantinham o verdadeiro sábado como o dia santo do Senhor, e observavam-no em obediência ao quarto mandamento.

O arquiteto não havia terminado a sua obra. Estava decidido a congregar o mundo cristão sob sua bandeira, e exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que pretendia ser o representante de Cristo. Por meio de pagãos semiconversos, ambiciosos prelados e eclesiásticos amantes do mundo, realizou ele seu propósito. Celebravam-se de tempos em tempos vastos concílios aos quais do mundo todo concorriam os dignitários da igreja. Em quase todos os concílios o sábado que Deus havia instituído era rebaixado um pouco mais, enquanto o domingo era em idêntica proporção exaltado. Destarte a festividade pagã veio finalmente a ser honrada como instituição divina, ao mesmo tempo em que se declarava ser o sábado bíblico relíquia do judaísmo, amaldiçoando-se seus observadores.

O grande apóstata conseguiu exaltar-se "contra tudo o que se chama Deus, ou se adora." II Tessalonicenses 2:4. Ousara mudar o único preceito da lei divina que inequivocamente indica a toda a humanidade o Deus verdadeiro e vivo. No quarto mandamento Deus é revelado como o Criador do céu e da Terra, e por isso se distingue de todos os falsos deuses. Foi para memória da obra da criação que o sétimo dia foi santificado como dia de repouso para o homem. Destinava-se a conservar o Deus vivo sempre diante da mente humana como a fonte de todo ser e objeto de reverência e culto. Satanás esforçava-se por desviar os homens de sua aliança com Deus e de prestarem obediência à Sua lei; dirige seus

esforços, portanto, especialmen-te contra o mandamento que aponta a Deus como o Criador.

Os protestantes hoje insistem em que a ressurreição de Cristo no domingo fê-lo o sábado cristão. Não existe, porém, evidência escriturística para isto. Nenhuma honra semelhante foi conferi-da ao dia por Cristo ou Seus apóstolos. A observância do do-ningo como instituição cristã teve origem no "mistério da injus-tiça" (II Tessalonicenses 2:7) que, já no tempo de S. Paulo, co-meçara a sua obra. Onde e quando adotou o Senhor este filho do papado? Que razão poderosa se poderá dar para uma mu-dança que as Escrituras não sancionam?

No século sexto tornou-se o papado firmemente estabeleci-do. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e de-clarou-se ser o bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. ([Ver Apêndice.](#)) O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio." Apo-calipse 13:2. E começaram então os 1260 anos da opressão pa-pal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse. (Daniel 7:25; Apocalipse 13:5-7.) Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelo instrumen-to de tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo. Cumpriam-se as palavras de Jesus: "F, até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. F, de todos sereis odiados por causa de Meu nome." S. Lucas 21:16 e 17.

Desencadeou-se a perseguição sobre os fiéis com maior fú-ria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta: "A mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante anil e duzentos e sessenta dias." Apocalipse 12:6.

O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se aden-savam as trevas. De Cristo, o verdadeiro fundamento, transfe-riu-se a fé para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quero delegava autoridade. Ensinava-se-lhe ser o papa seu me-diador terrestre, e que ninguém poderia aproximar-se de Deus senão por seu intermédio; e mais ainda, que ele ficava para eles em lugar de Deus e deveria, portanto, ser implicitamente obedecido. Esquivar-se de suas disposições era motivo suficiente para se infligir a mais severa punição ao corpo e alma dos de-linqüentes. Assim, a mente do povo desviava-se de Deus para homens falíveis e cruéis, e mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia o seu poder. O pecado se disfarçava sob o manto de santidade. Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a considerar-se supremo, só podemos esperar fraudes, engano e aviltante iniquidade. Com a elevação das leis e tradições humanas, tornou-se manifesta a corrupção que sempre resulta de se pôr de lado a lei de Deus.

Dias de perigo foram aqueles para a igreja de Cristo. Os fiéis porta-estandartes eram na verdade

poucos. Posto que a verdade não fosse deixada sem testemunhas, parecia, por ve-zes, que o erro e a superstição prevaleceriam completamente, e a verdadeira religião seria banida da Terra. Perdeu-se de vista o evangelho, mas multiplicaram-se as formas de religião, e o povo foi sobrecarregado de severas exigências.

Ensinava-se-lhes não somente a considerar o papa como seu mediador, ruas a confiar em suas próprias obras para expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, ereção de igrejas, relicários e altares, bem como pagamento de grandes sornas à igreja, tudo isto e muitos atos semelhantes eram ordenados para aplacar a ira de Deus ou as-segurar o Seu favor, corno se .Deus fosse idêntico aos homens, encolerizando-Se por ninharias, ou apaziguando-Se com dona-tivos ou atos de penitência!

Apesar de que prevalecesse o vício, mesmo entre os chefes da Igreja de Roma, sua influência parecia aumentar constan-temente. Mais ou menos ao findar o oitavo século, os romanis-tas começaram a sustentar que nas primeiras épocas da igreja os bispos de Roma tinham possuído o mesmo poder espiritual que assumiam agora. Para confirmar essa pretensão, era pre-ciso empregar alguns meios com o fito de lhe dar aparência de autoridade; e isto foi prontamente sugerido pelo pai da mentira. Antigos escritos foram forjados pelos monges. Decretos de concílios de que antes nada se. ouvira foram descobertos, estabelecendo a supremacia universal do papa desde os primeiros tempos. E a igreja que rejeitara a verdade, avidamente aceitou estes enganos ().

Os poucos fiéis que construíram sobre o verdadeiro fundamento (1 Coríntios 3:10 e 11), ficaram perplexos e entravados quando o entulho das falsas doutrinas obstruiu a obra. Como os edificadores sobre o muro de Jerusalém no tempo de Neemias, alguns se prontificaram a dizer: "Já desfaleceram as forças dos acarretadores, e o pó é muito e nós não podemos edificar o muro." Neemias 4:10. Cansados da constante luta contra a perseguição, fraude, iniquidade e todos os outros obstáculos que Satanás pudera engendrar para deter-lhes o progresso, alguns que haviam sido fiéis edificadores, desanimaram; e por amor da paz e segurança de sua propriedade e vida, desviaramse do verdadeiro fundamento. Outros, sem se intimidarem com a oposição de seus inimigos, intrepidamente declaravam: "Não os temais: lembrai-vos do Senhor grande e terrível" (Neemias 4:14); e prosseguiram com a obra, cada qual core a espada cingida ao lado (Efésios 1:17).

O mesmo espírito de ódio e oposição à verdade tem inspirado os inimigos de Deus em todos os tempos, e a mesma vigilância e fidelidade têm sido exigidas de Seus servos. As palavras de Cristo aos primeiros discípulos aplicam-se aos Seus seguidores até ao final do. tempo: "E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai." S. Marcos 13:37.

As trevas pareciam tornar-se mais densas. Generalizou-se a adoração das imagens. Acendiam-se

velas perante imagens e orações se lhes dirigiam. Prevaleciam os costumes mais absurdos e supersticiosos. O espírito dos homens era a tal ponto dirigido pela superstição que a razão mesma parecia haver perdido o domínio. Enquanto os próprios sacerdotes e bispos eram amantes do prazer; sensuais e corruptos, só se poderia esperar que o povo que os tinha como guias se submergisse na ignorância e vício.

Outro passo ainda deu a presunção papal quando, no sécul XI, o papa Gregório VII proclamou a perfeição da Igreja d Roma. Entre as proposições por ele apresentadas uma havi declarando que a igreja nunca tinha errado, nem jamais erre ria, segundo as Escrituras. Mas as provas escriturísticas nã acompanhavam a asserção. O altivo pontífice também preter dia o poder de depor imperadores; e declarou que sentenç alguma que pronunciasse poderia ser revogada por quero que que fosse, mas era prerrogativa sua revogar as decisões de todo os outros. (.)

Uma flagrante ilustração do caráter tirânico do papa Gregório VII se nos apresenta no modo por que tratou o impe rador alemão Henrique IV. Por haver intentado desprezar

autoridade do papa, declarou-o este excomungado e destronado. Aterrorizado pela deserção e ameaças de seus próprios príncipes, que por mandado do papa eram acoroçoados na rebeliãc contra ele, Henrique pressentiu a necessidade de fazer as pazes com Roma. Em companhia da esposa e de um servo fiel, atravessou os Alpes em pleno inverno, a fim de humilhar-se perante o papa. Chegando ao castelo para onde Gregório se retirara, foi conduzido, sem seus guardas, a um pátio externo, e ali, no rigoroso frio do inverno, com a cabeça descoberta, descalço e miseravelmente vestido, esperou a permissão do papa a fim de ir à sua presença. O pontífice não se dignou de conceder-lhe perdão senão depois de haver ele permanecido três dias jejuando e fazendo confissão. Isso mesmo, apenas coro a condição de que o imperador esperasse a sanção do papa antes de reassumir as insígnias ou exercer o poder da realeza. E Gregório, envaidecido com seu triunfo, jactava-se de que era seu dever abater o orgulho dos reis.

Quão notável é o contraste entre o despótico orgulho deste altivo pontífice e a mansidão e a suavidade de Cristo, que representa a Si mesmo à porta do coração a rogar que seja ali admitido, a fim de poder entrar para levar perdão e paz, e que ensinou a Seus discípulos: "Qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo." S. Mateus 20:27.

Os séculos que se seguiram testemunharam aumento constante de erros nas doutrinas emanadas de Roma. Mesmo antes do estabelecimento do papado, os ensinamentos dos filósofos pagãos haviam recebido atenção e exercido influência na igreja. Muitos que se diziam conversos ainda se apegavam aos dogmas de sua filosofia pagã, e não somente continuaram no estudo desta, ruas encareciam-no a outros como meio de estenderem sua influência entre os pagãos. Erros graves foram assim introduzidos na fé cristã. Destaca-se entre outros o da crença na imortalidade natural

do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disto também proveio a heresia do tormento eterno para os que morrem impenitentes, a qual logo de início se incorporara à fé papal.

Achava-se então preparado o caminho para a introdução de ainda outra invenção do paganismo, a que Roma intitulou purgatório e empregou para amedrontar as multidões crédulas e supersticiosas. Com esta heresia afirma-se a existência de um lugar de tormento, no qual as almas dos que não mereceram condenação eterna devem sofrer castigo por seus pecados, e do qual, quando libertas da impureza, são admitidas no Céu.)

Ainda uma outra invencionice era necessária para habilitar Roma a aproveitar-se dos temores e vícios de seus adeptos. Esta foi suprida pela doutrina das indulgências. Completa remissão dos pecados, passados, presentes e futuros, e livramento de todas as dores e penas em que os pecados importara, eram prometidos a todos os que se alistassem nas guerras do pontífice para estender seu domínio temporal, castigar seus inimigos e exterminar os que ousassem negar-lhe a supremacia espiritual. Ensinava-se também ao povo que, pelo pagamento de dinheiro à igreja, poderia livrar-se do pecado e igualmente libertar as almas de seus amigos falecidos que estivessem condenados às chamas atormentadoras. Por esses meios Roma abarrotou os cofres e sustentou a magnificência, o luxo e os vícios dos pretensos representantes dAquele que não tinha onde reclinar a cabeça. (

A ordenança escriturística da ceia do. Senhor fora suplantada pelo idolático sacrifício da missa. Sacerdotes papais pretendiam, mediante esse disfarce destituído de sentido, converter o simples pão e vinho no verdadeiro "corpo e sangue de *Cristo.*" - *Conferências Sobre a "Presença Real," do Cardeal Wiseman.* Com blasfema presunção pretendiam abertamente o poder de criarem Deus, o Criador de todas as coisas. Aos cristãos exigia-se, sob pena de morte, confessar sua fé nesta heresia horrível, que insulta ao Céu. Multidões que a isto se recusaram foram entregues às chamas. (.)

No século XI foi estabelecido o mais terrível de todas as estratégias do papado a inquisição. O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus, enquanto, invisível entre eles, estava urre anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas ao humano olhar. "A grande Babilônia" estava "embriagada do sangue dos santos." Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata.

O papado se tornou o déspota do mundo. Reis e imperadores curvavam-se aos decretos do pontífice romano. O destino dos homens, tanto temporal como eterno, parecia estar sob seu

domínio. Durante séculos as doutrinas de Roma tinham sido extensa e implicitamente recebidas, seus ritos reverentemente praticados, suas festas geralmente observadas. Seu clero era honrado e liberalmente mantido. Nunca a Igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder.

Mas "o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo." *História do Protestantismo*, de Wylie. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odia-vam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus - a norma de justiça - exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os homens não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão: Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam 'por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Unha paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade.

A condição do mundo sob o poder romano apresentava o cumprimento terrível e surpreendente das palavras do profeta Oséias: "O Meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento: porque tu rejeitaste o conhecimento, também Eu te rejeitarei, . . . visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também Eu Me esquecerei de teus filhos". Oséias 4:6. "Não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na Terra. Só prevalecera o perjurar, e o mentir, e o matar, e o furtar, e o adulterar, e há homicídios sobre homicídios". Oséias 4:1 e 2. Foram estes os resultados do banimento da Palavra de Deus.

CAPÍTULO 25

A Imutável Lei de Deus

ABRIUSE no Céu o templo de Deus, e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo." Apocalipse 11:19. A arca do concerto de Deus está no santo dos santos, ou lugar santíssimo, que é o segundo compartimento do santuário. No ministério do tabernáculo terrestre, que servia como "exemplar e sombra das coisas celestiais," este compartimento se abria so-mente no grande dig da expiação, para a purificação do santuário. Portanto, o anúncio de que o templo de Deus se abria no Céu, a de que fora vista a arca de Seu concerto, indica a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial, em 1844, ao entrar Cristo ali para efetuar a obra finalizadora da expiação. Os que pela fé seguiram seu Sumo Sacerdote, ao iniciar Ele o ministério no lugar santíssimo, contemplaram a arca de Seu concerto. Como houvessem estudado o assunto do santuário, chegaram a compreender a mudança operada no ministério do Salvador, a viram que Ele agora oficiava diante da arca de Deus, pleiteando com Seu sangue em favor dos pecadores.

A arca do tabernáculo terrestre continha as duas tábuas de pedra, sobre as quais se achavam inscritos os preceitos da lei de Deus. A arca era mero receptáculo das tábuas da lei, e a presença desses preceitos divinos é que lhe dava valor a santidade. Quando se abriu o templo de Deus no Céu, foi vista a arca do Seu testemunho. Dentro do santo dos santos, no santuário celestial, acha-se guardada sagradamente a lei divina - a lei que foi pronunciada pelo próprio Deus em meio dos trovões do Sinai, a escrita por Seu próprio dedo nas tábuas de pedra .

A lei de Deus no santuário celeste é o grande original, de que os preceitos inscritos nas tábuas de pedra, registrados por Moisés no Pentateuco, eram uma transcrição exata. Os que chegaram à compreensão deste ponto importante, foram assim levados a ver o caráter sagrado e imutável da lei divina. Viram, como nunca antes, a força das palavras do Salvador: "Até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei." S. Mateus 5:18. A lei de Deus, sendo a revelação de Sua vontade, a transcrição de Seu caráter, deve permanecer para sempre, "como uma fiel testemunha no Céu." Nenhum mandamento foi anulado; nenhum jota ou til se mudou. Diz o salmista: "Para sempre, ó Senhor, a Tua palavra permanece no Céu." São "fiéis todos os Seus mandamentos. Permanecem firmes para todo o sempre." Salmo 119:89; 111:7 a 8.

No próprio centro do decálogo está o quarto mandamento, conforme foi a princípio proclamado: "Lembrete do dig do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou." Êxodo 20:8-11.

O Espírito de Deus tocou o coração dos que estudavam a Sua Palavra. Impressionava-os a convicção de que

havam ignorantemente transgredido este preceito, deixando de tomar em consideração o dia de repouso do Criador. Começaram a examinar as razões para a observância do primeiro dia da semana em lugar do dia que Deus havia santificado. Não puderam achar nas Escrituras prova alguma de que o quarto mandamento tivesse sido abolido, ou de que o sábado fora mudado; a bênção que a princípio aureolava o sétimo dia nunca fora removida. Sinceramente tinham estado a procurar conhecer a vontade de Deus; agora, como se vissem transgressores de Sua lei, encheu-se-lhes o coração de tristeza, a manifestaram lealdade para com Deus, santificando Seu sábado.

Muitos esforços foram feitos para subverter-lhes a fé. Ninguém poderia deixar de ver que, se o santuário terrestre era uma figura ou modelo do celestial, a lei depositada na Terra, era uma transcrição exata da lei no Céu; a que a aceitação da verdade concernente ao santuário celeste envolvia o reconhecimento dos requisitos da lei de Deus, a da obrigatoriedade do sábado do quarto mandamento. Aí estava o segredo da oposição tão atroz a decidida à exposição harmoniosa das Escrituras, que revelavam o ministério de Cristo no santuário celestial. Os homens procuravam fechar a porta que Deus havia aberto, a abrir a que Ele fechara. Mas "O que abre, a ninguém fecha; a fecha, a ninguém abre," tinha declarado: "Eis que diante de ti pus uma porta aberta, a ninguém a pode fechar." Apocalipse 3:7 a 8. Cristo abriu a porta, ou o ministério, do lugar santíssimo; resplandecia a luz por aquela porta aberta do santuário celestial, a demonstrou este o quarto mandamento incluído na lei que ali se achava encerrada; o que Deus estabeleceu ninguém pode derribar.

Os que aceitaram a luz relativa à mediação de Cristo e à perpetuidade da lei de Deus, acharam que estas eram as verdades apresentadas no capítulo 14 de Apocalipse. As mensagens deste capítulo constituem uma tríplice advertência, que deve preparar os habitantes da Terra para a segunda vinda do Senhor. O anúncio:— "Vinda é a hora do Seu juízo" — aponta para a obra finalizadora do ministério de Cristo para a salvação dos homens. Anuncia uma verdade que deve ser proclamada até que cesse a intercessão do Salvador, a Ele volte à Terra para receber o Seu povo. A obra do juízo que começou em 1844, deve continuar até que os casos de todos estejam decididos, tanto dos vivos como dos mortos; disso se conclui que ela se estenderá até ao final do tempo de graça para a humanidade. A fim de que os homens possam preparar-se para estar em pé no juízo, a mensagem lhes ordena a temer a Deus e dar-Lhe glória, "e adorar Aquele que fez o céu e a Terra, e o mar, e as fontes das águas." O resultado da aceitação destas mensagens é dado nestas palavras: "Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus." A fim de se prepararem para o juízo, é necessário que os homens guardem a lei de Deus. Esta lei será a norma de caráter no juízo. Declara o apóstolo S. Paulo: "Todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens por Jesus Cristo." E ele diz que "os que praticam a lei não de ser justificados." Romanos 2:12-16. A fé é essencial a fim de guardarem a lei de Deus; pois "sem fé é impossível agradar-Lhe." "E tudo que não é de fé, é pecado." Hebreus 11:6; Romanos 14:23.

Pelo primeiro ano os homens são chamados a temer a Deus e dar-Lhe glória, a adorá-Lo como o Criador do céu e da Terra. A fim de fazer isto devem obedecer à Sua lei. Diz o sábio: "Teme a Deus, a guarda os Seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem." Eclesiastes 12:13. Sem a obediência a Seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus. "Este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos." "O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável." I S. João

5:3; Provérbios 28:9.

O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador, a que a Ele todos os outros seres devem a existência. E, onde quer que se apresente, na Bíblia, Seu direito à reverência a adoração, acima dos deuses dos pagãos, enumeram-se as provas de Seu poder criador. "Todos os deuses dos povos são coisas vãs mas o Senhor fez os céus." Salmo 96:5. "A quem pois Me fareis semelhante, para que the seja semelhante? diz o Santo. Levantai ao alto os vossos olhos, a vede quem criou estas coisas." "Assim diz o Senhor que tens criado os céus, o Deus que formou a Terra, e a fez; . . . Eu sou o Senhor, a não há outro." Isaías 40:25 a 26; 45:18. Diz o salmista: "Sabei que o Senhor é Deus: foi Ele, a não nós que nos fez povo Seu." "ó, vinde, adoremos, a prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor que nos criou." Salmo 100:3; 95:6. E os seres santos que adoram a Deus nos Céus, declaram porque Lhe é devida sua homenagem: "Digno és, Senhor, de receber glória, a honra, a poder; porque Tu criaste todas as coisas." Apocalipse 4:11. No capítulo 14 de Apocalipse, os homens são convidados a adorar o Criador; e a profecia revela uma classe de pessoas que, como resultado da tríplice mensagem, observam os mandamentos de Deus. Um desses mandamentos aponta diretamente para Deus como sendo o Criador. O quarto preceito declara: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus . . . porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar a tudo que neles há, a ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou." Êxodo 20:10 a 11. acerca do sábado, diz mais o Senhor ser ele "um sinal, . . . para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus." Ezequiel 20: 24. E a razão apresentada é: "Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, a ao sétimo dia descansou a restaurou-Se." Êxodo 31:17.

"A importância do sábado como memória da criação consiste em conservar sempre presente o verdadeiro motivo de se render culto a Deus" -porque Ele é o Criador, a nós a suas criaturas. "O sábado, portanto, está no fundamento mesmo do culto divino, pois ensina esta grande verdade da maneira mais impressionante, a nenhuma outra instituição faz isso. O verdadeiro fundamento para o culto divino, não meramente o daquele que se realiza no sétimo dia, mas de todo o culto, a centra-se na distinção entre o Criador a Suas criaturas. Este fato capital jamais poderá tornar-se obsoleto, a jamais deverá. ser esquecido." - *História do Sábado*, J. N. Andrews. Foi para conservar esta verdade sempre perante o espírito dos homens que Deus instituiu o sábado no Éden; e, enquanto o fato de que Ele é o nosso Criador continuar a ser razão por que O devamos adorar, permanecerá o sábado como sinal a memória disso. Tivesse sido o sábado universalmente guardado, os pensamentos a afeições dos homens teriam sido dirigidos ao Criador como objeto de reverência a culto, jamais tendo havido idólatra, ateu, ou incrédulo. A guarda do sábado é um sinal de lealdade para com o verdadeiro Deus, "Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, a as fontes das águas." Segue-se que a mensagem que ordena aos homens adorar a Deus a guardar Seus mandamentos, apelará especialmente para que observemos o quarto mandamento.

Em contraste com os que guardam os mandamentos de Deus a têm a fé de Jesus, o terceiro anjo indica outra classe, contra cujos erros profere solene a terrível advertência: "Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, a receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus." Apocalipse 14:9 a 10. Para a compreensão desta mensagem é necessária uma interpretação correta dos símbolos empregados. Quem se representa pela besta, pela imagem a pelo sinal?

A cadeia de profecias na qual se encontram estes símbolos, começa no capítulo 12 de Apocalipse, com o

dragão qua procurava destruir Cristo em Seu nascimento. Declarase qua o dragão é Satanás (Apocalipse 12:9); foi ele qua atuou sobre Herodes a fim de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo a Seu povo, durante os primeiros séculos da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, conquanto o dragão represente primeiramente Satanás, é, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã.

No capítulo 13 (vers. 1-10), descreve-se a besta "semelhante ao leopardo," à qual o dragão deu "o seu poder, o seu trono, e grande poderio." Este símbolo, como a maioria dos protestantes tam crido, represents o papado, qua se sucedeu no poder, trono a poderio uma vez mantidos pelo amigo Império Romano. Declara-se quanto à besta semelhante ao leopardo: "Foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas a blasfêmias . . . E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do Seu nome, a do Seu tabernáculo, a dos clue habitam no Céu. F foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, a vencê-los; a deuse-lhe poder sobre toda a tribo, a lingua, a nação." Esta profecia, qua é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel ?, refere-se inquestionavelmente ao papado.

"Deu-se-lhe poder para continuar por quarenta a does meses." E, diz o profeta, "vi uma de suss cabeças como ferida de morte." E, mais, "se alguém lava em cativoiro, em cativoiro irá; se alguém matar à espada, necessário é qua à espada seja mor-to." Os quarenta a doffs mesas são o mesmo qua "tempo, tempos, e metade de um tempo," três anos a meio, ou 1.260 dies, de Daniel 7, tempo durante o qual o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Este período, conforme se declare nos capítulos precedentes, começou com a supremacia do papado, no ano 538 de nossa era, a terminou em 1718. Nesta ocasião o papa foi aprisionado pelo exército francês, e o poder papal recebeu a chaga mortal, cumprindo-se a predição: "Se alguém lava em cativoiro, em cativoiro irá."

Neste ponto é introduzido outro símbolo. Diz o profeta: "Vi subir da Terra outra baste, a tinha doffs chifres semelhantes aos de um cordeiro." Apocalipse 13:11. Tanto a aparência desta baste como a maneira por qua surgiu, indicam qua a nação por ela representada é dessemelhante das qua são mostradas sob os símbolos precedentes. Os grandes reinos qua têm governado o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como fares rapinantes, qua surgiam quando "os quatro ventos do céu combatiam no mar grande." Daniel 7:2. Em Apocalipse 17, um anjo explicou qua águas representam "povos, a multidões, a nações, e línguas" (verso 15). Ventos são símbolos de contendias. Os quatro ventos do céu a combaterem no mar grande, representam as terríveis canes de conquista a revolução, pales quaffs os reinos têm atingido o poder.

Mas a baste de cornos semelhantes aos do cordeiro foi vista a "subir da terra." Em vez de subverter outras potências pare estabelecer-se, a nação assim representada deve surgir em território anteriormente desocupado, crescendo gradual a pacificamente. Não poderia, pois, surgir entre as nacionalidades populosas a agitadas do Velho Mundo - esse rear turbulento de "povos, a multidões, a nações, a línguas." Deve ser procurada no Continente Ocidental.

Qua nação do Novo Mundo se achava em 1798 ascendendo ao poder, apresentando indícios de força a grandeza, a atraindo a atenção do mundo? A aplicação do símbolo não admite dúvidas. Uma nação, a apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; esta aponta insofismavelmente pare os Estados

Unidos da América do Norte. Reiteradas vezes, ao descreverem a origem e o crescimento desta nação, oradores a escritores têm emitido inconscientemente o mesmo pensamento a quase que empregado as mesmas palavras do escritor sagrado. A besta foi vista a "subir da terra;" e, segundo os tradutores, a palavra aqui traduzida "subir" significa literalmente "crescer ou brotar como uma planta." E, comp vimos, a nação deveria surgir em território previamente desocupado. Escritor preeminente, descrevendo a origem dos Estados Unidos, fala do *mistério de sua proce-dência do nada*" (G. A. Townsend, *O Novo Mundo Comparado com o Velho*), a diz: "Semelhando a *semente* silenciosa, desenvolvemnos em império." Um jornal europeu, em 1850, referiu-se aos Estados Unidos como um império maravilhoso, que estava "emergindo" e "no silêncio da terra aumentando diariamente seu poder e orgulho." - *The Dublin Nation*. Eduardo Everett, em discurso sobre os peregrinos, fundadores desta nação, disse: "Procuraram um local afastado, inofensivo por sua obscuridade, a seguro pela distância, onde a pequenina igreja de Leyden pudesse gozar de liberdade de consciência? Eis as *imensas regiões* sobre as quais, em conquista pacífica, . . . implantaram os estandartes da cruz!" - *Discurso pronunciado em Plymouth, Mass.*, em 22 de dezembro de 1824.

"E tinha doffs chifres semelhantes aos de um cordeiro." Os cornos semelhantes aos do cordeiro indicam, juventude, inocência a brandura, o que apropriadamente representa o caráter dos Estados Unidos, quando apresentados ao profeta como estando a "subir" em 1798. Entre os exilados cristãos que primeiro fugiram para a América a buscaram asilo contra a opressão real e a intolerância dos sacerdotes, muitos havia que se decidiram a estabelecer um governo sobre o amplo fundamento da liberdade civil a religiosa. Suas idéias tiveram guarida na Declaração da Independência, que estabeleceu a grande verdade de que "todos os homens são criados iguais," a dotados de inalienável direito a "vida, liberdade, a procura da felicidade." E a Constituição garante ao povo o direito de governar-se a si próprio, estipulando que os representantes eleitos pelo voto do povo façam a administrem as leis. Foi também concedida liberdade de "é religiosa, sendo permitido a todo homem adorar a Deus segundo os ditames de sua consciência. Republicanismo a protestantismo tornaram-se os princípios fundamentais da nação. Estes princípios são o segredo de seu poder a prosperidade. Os oprimidos a conculcados de soda a cristandade têm-se volvido para esta terra com interesse a esperança. Milhões têm aportado às suss praias, a os Estados Unidos alcançaram lugar entre as mais poderosas nações da Terra.

Mas a besta de cornos semelhantes aos do cordeiro "falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, a faz que a Terra a os que vela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E . . . dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada a vivia." Apocalipse 13:11-14.

Os cornos semelhantes aos do cordeiro e a voz de dragão deste símbolo indicam contradição flagrante entre o que professa a pratica a nação assim representada. A "fala" da nação são os atos de suss autoridades legislativas a judiciárias. Por esses atos desmentirá os princípios liberais a pacíficos que estabeleceu como fundamento de sua política. A predição de falar "como o dragão," a exercer "todo o poder da primeira besta, claramente anuncia o desenvolvimento do espírito de intolerância a perseguição que manifestaram as nações representadas pelo dragão a pela besta semelhante ao leopardo. E a declaração de que a besta de doffs cornos faz com "que a Terra a os que vela habitam adorem a primeira besta," indica que a autoridade desta nação deve ser exercida impondo ela alguma observância que

constituirá ato de homenagem ao papado.

Semelhante atitude seria abertamente contrária aos princípios deste governo, ao espírito de suas instituições livres, às afirmações insofismáveis e solenes da Declaração da Independência, e à Constituição. Os fundadores da nação procuraram sabiamente prevenir o emprego do poder secular por parte da igreja, com seu inevitável resultado - intolerância a perseguição. A Magna Carta estipula que "o Congresso não fará lei para oficializar alguma religião, ou proibir o seu livre exercício," e que "nenhuma prova de natureza religiosa será jamais exigida como requisito para qualquer cargo de confiança pública nos Estados Unidos." Somente em flagrante violação destas garantias à liberdade da nação, poderá qualquer observância religiosa ser imposta pela autoridade civil. Mas a incoerência de tal procedimento não é maior do que a que se encontra representado no símbolo. E a besta de cornos semelhante aos do cordeiro - professando-se pura, suave e inofensiva - que fala como o dragão.

"Dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta." Aqui se representa claramente a forma de governo em que o poder legislativo emana do povo; uma prova das mais convincentes de que os Estados Unidos são a nação indicada na profecia.

Mas o que é a "imagem à besta?" e como será ela formada? A imagem é feita pela besta de cornos, e é uma imagem à primeira besta. E também chamada imagem da besta. Portanto, para sabermos o que é a imagem, e como será formada, devemos estudar os característicos da própria besta - o papado.

Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da simplicidade do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus; e, para que pudesse governar a consciência do povo, procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o papado, uma igreja que dirigia o poder do Estado e o empregava para favorecer aos seus próprios fins, especialmente na punição da "heresia." A fim de formarem os Estados Unidos uma imagem da besta, o poder religioso deve a tal ponto dirigir o governo civil que a autoridade do Estado também seja empregada pela igreja para realizar os seus próprios fins.

Quando quer que a igreja tenha obtido o poder secular, empregou-o para punir a discordância às suas doutrinas. As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma, formando aliança com os poderes do mundo, têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Dá-se um exemplo disto na prolongada perseguição aos dissidentes, feita pela Igreja Anglicana. Durante os séculos dezesseis e dezessete, milhares de ministros não-conformistas foram obrigados a deixar as igrejas, e muitos, tanto pastores como do povo em geral, foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio.

Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do governo civil, e isto preparou o caminho para o desenvolvimento do papado - a besta. Disse S. Paulo que havia de vir "a apostasia," a manifestar-se "o homem do pecado." II Tessalonicenses 2:3. Assim a apostasia na igreja preparará o caminho para a imagem à besta:

A Escritura Sagrada declara que antes da vinda do Senhor existirá um estado de decadência religiosa semelhante à dos primeiros séculos. "Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá

homens *amantes de si mesmos*, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais a mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, *sem amor para com os bons*, traidores, obstinados, orgulhosos, *mal amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela.*" II Ti:móteo 3:1-5. "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios." I Timóteo 4:1. Satanás operará "com todo o poder, a sinais e prodígios de mentira, a com todo o engano da injustiça." E todos os que "não receberam o amor da verdade para se salvarem," serão abandonados à mercê da "operação do erro, para que, creiam a mentira." II Tessalonicenses 2:9-11. Quando for atingido tal estado de impiedade, ver-se-ão os mesmos resultados que nos primeiros séculos.

A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá fazer esforço algum para se conseguir uma uniformidade obrigatória. Há a-nos, porém, que nas igrejas protestantes se vem manifestando poderoso a crescente sentimento em favor de uma união baseada em pontos comuns de doutrinas. Para conseguir tal união, deve-se necessariamente evitar toda discussão de assuntos em que não estejam todos de acordo, independentemente de sua importância do ponto de vista bíblico.

Carlos Beecher, em sermão pronunciado em 1846, declarou que o ministério das denominações evangélicas protestantes "não somente é formado sob terrível pressão do mero terror humano, mas também viva, move-se a respire num meio totalmente corrupto, a qual cada instante apela para todo o elemento mais vil de sua natureza, a fim de ocultar a verdade e curvar os joelhos ao poder da apostasia. Não foi desta maneira que as coisas se passaram com Roma? Não estamos nós desandando pelo mesmo caminho? E qual vemos precisamente diante de nós? Outro concílio geral! Uma convenção mundial! Aliança evangélica, e credo universal!" - Sermão sobre: *A Bíblia Como um Credo Suficiente*, pronunciado em Fort Wayne, Ind., a 22 de fev. de 1846. Quando, pois, se conseguir isto nos esforços para se obter completa uniformidade, apenas um passo haverá para que se recorra à força.

Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos a todas as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a infligência de penal civis aos dissidentes será o resultado inevitável.

A besta de dois chifres "fez que a todos, pequenos a grandes, ricos a pobres, livres a servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita ou nas suas testas; para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome." Apocalipse 13:16 a 17. A advertência do terceiro anjo é: "Se alguém adorar a besta, e a Sua imagem, a receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus." "A besta" mencionada nesta mensagem, cuja adoração é imposta pela besta de dois chifres, é a primeira, ou a besta semelhante ao leopardo, do capítulo 13 do Apocalipse - o papado. A "imagem da besta" representa a forma de protestantismo apostata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas. Resta definir ainda o "sinal da besta."

Depois da advertência contra o culto à imagem, declare a profecia: "Aqui estão os que

guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus." Visto os que guardam os mandamentos de Deus serem assim colocados em contraste com os que adoram a besta e sua imagem, a recebem o seu sinal, é clamorosa a guarda da lei de Deus, por um lado, a sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da besta.

O característico especial da besta, e, portanto, de sua imagem, é a violação dos mandamentos de Deus. Diz Daniel a respeito da ponta pequena, o papado: "Cuidará em mudar os tempos e a lei." Daniel 1:25. E S. Paulo intitulou o mesmo poder: "o homem do pecado," que deveria exaltar-se acima de Deus. Uma profecia é o complemento da outra. Unicamente mudando a lei de Deus poderia o papado exaltar-se acima de Deus; quem quer que conscientemente guarde a lei assim modificada, estará a prestar suprema honra ao poder pelo qual se efetuou a mudança. Tal ato de obediência às leis papais seria um sinal de vassalagem ao papa em lugar de Deus.

O papado tentou mudar a lei de Deus. O segundo mandamento, que proíbe o culto às imagens, foi omitido da lei, e o quarto foi mudado de molde a autorizar a observância do primeiro dia em vez do sétimo, como sábado. Mas os romanistas aduzem como razão para omitir o segundo mandamento ser ele desnecessário, achando-se incluído no primeiro, a qual estão a dar a lei exatamente como era o desígnio de Deus fosse ela compreendida. Essa não pode ser a mudança predita pelo profeta. É apresentada uma mudança intencional, com deliberação. "Cuidará em mudar os tempos e a lei." A mudança no quarto mandamento cumpre exatamente a profecia. Para isto a única autoridade alegada é a da igreja. Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus.

Enquanto os adoradores de Deus se distinguirão especialmente pelo respeito ao quarto mandamento - dado o fato de ser este o sinal de Seu poder criador, a testemunha de Seu direito à reverência e homenagem do homem - os adoradores da besta salientam-se por seus esforços para derribar o monumento do Criador e exaltar a instituição de Roma. Foi por sua atitude a favor do domingo que o papado começou a ostentar arrogantes pretensões; seu primeiro recurso ao poder do Estado foi para impor a observância do domingo como "o dia do Senhor." A Escritura Sagrada, porém, indica o sétimo dia, e não o primeiro, como o dia do Senhor. Disse Cristo: "O Filho do homem é Senhor até ao sábado." O quarto mandamento declara: "O sétimo dia é o sábado do Senhor." E pelo profeta Isaías o Senhor lhe chama: "Meu Santo dia." S. Marcos 2:28; Isaías 58:13.

A alegação tantas vezes feita, de que Cristo mudou o sábado, é refutada por suas próprias palavras. Em seu sermão no monte, disse Ele: "Não vingueis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus." S. Mateus 5:17-19.

É fato geralmente admitido por protestantes que as Escrituras não autorizam em nenhuma parte a mudança do sábado. Isto se acha plenamente declarado nas publicações editadas pela Sociedade Americana de Tratados e pela União Americana das Escolas Dominicais. Uma dessas obras reconhece "o completo silêncio do Novo Testamento no que respeita a um mandamento explícito para o domingo ou a regras

definidas para a sua observância." *The Abiding Sabbath*, Jorge Elliot.

Outra diz: "Até ao tempo da morte de Cristo nenhuma mudança havia sido feita no dia" (*O Dia do Senhor*, A. E. Waffle); e, "pelo que se depreende do relato sagrado, eles [os apóstolos] não deram . . . nenhum mandamento explícito ordenando o abandono de repouso do sétimo dia, a sua observância no primeiro dia da semana." - Idem.

Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita pela sua igreja, a declaram que os protestantes, observando o domingo, estão reconhecendo o poder desta. No "Caecismo Católico da Religião Cristã," em resposta a uma pergunta sobre o dia a ser observado em obediência ao quarto mandamento, faz-se esta declaração: "Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado, mas a igreja, instruída por Jesus

OS DEZ MANDAMENTOS

Êxodo 20: 3-17

I

Não terás outros deuses diante de Mim.

II

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na Terra, nem nas águas debaixo da Terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás: porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que Me amam e guardam os Meus mandamentos.

III

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor não terá por inocente o que tornar o

Seu nome em vão.

IV

Lembra-te do die do sábado, pare o santificar. Seis dies trabalharás, a farás toda a tua obra; mss o sétimo die é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serve, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro dal fuss portal. Porque em leis Bias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar a tudo que neles há, a ao sétimo die descansou: portanto abençoou o Senhor o die do sábado e o santificou.

V

Honra a teu pai e a tua mãe, pare que se prolonguem os teus dies na Terra que o Senhor teu Deus to dá.

VI

Não matarás.

VII

Não adulterarás.

VIII

Não furtarás.

IX

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

X

Não cobiçarás a case do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sue serve, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.

(JS DES Z MANDAMENTOS

Conforme o Segundo Catecismo da Doutrina Cristã, pág. 9, Edição Oficial, 1930.

"Imaginará de si que pole mudar as tempos a as leis. " *Daniel 7:25, Trad. do Pe. Figueiredo.*

I

Amar a Deus sobre todas as coisas.

II

Não tomar o Seu santo none em vão.

III

Guardar domingos a festas.

IV

Honrar pai a mãe.

V

Não matar.

VI

Não pecar contra a castidade.

VII

Não furtar.

VIII

Não levantar (also testemunho).

IX

Não desejar a mulher do próximo. Não cobiçar as coisas alheias.

Cristo, a dirigida pelo Espírito de Zeus, substituiu o sábado pelo domingo; assim, santificamos agora o primeiro dia, a não o sétimo dia. Domingo guar diner, a agora é, dia do Senhor."

Como sinal da autoridade da Igreja Católica,, os escritores romanistas citam "o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes admitem; . . . porque, guardando o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar dias santos a impor sua observância sob pena de incorrer em pecado." - *Resumo da Doutrina Cristã, I-I*. Tuberville. Quia P, pois, a mudança do sábado se não o sinal da

autoridade da Igreja de Rome ou "o sinal da beste?"

A igreja de Roma não renunciou a suas pretensões à supremacia; e, se o mundo e as igrejas protestantes aceitam um dia de repouso de sua criação, ao mesmo tempo em que rejeitam o sábado bíblico, acatam virtualmente estas pretensões. Podem alegar a autoridade da tradição e dos pais da igreja para a mudança, mas, assim fazendo, ignoram o próprio princípio que os separa de Roma, de que - "A Bíblia, e a Bíblia só, é a religião dos protestantes." Os romanistas podem ver que estão enganando a si mesmos, fechando voluntariamente os olhos para os fatos em relação ao caso. À medida que ganha terreno o movimento em favor do repouso dominical obrigatório, eles se regozijam, na certeza de que, por fim, todo o mundo protestante será reunido sob a bandeira de Roma.

Os romanistas declaram que "a observância do domingo pelos protestantes é uma homenagem que prestam, mau grado seu, à autoridade da Igreja [Católica]." Plain Talks about Protestantism. A imposição da guarda do domingo por parte das igrejas protestantes é uma obrigatoriedade do culto ao papado — à besta. Os que, compreendendo as exigências do quarto mandamento, preferem observar o sábado espúrio em lugar do verdadeiro, estão desta maneira a prestar homenagem ao poder pelo qual somente é ele ordenado. Mas, no próprio ato de impor um dever religioso por meio do poder secular, fariam as igrejas mesmas uma imagem à besta; daí a obrigatoriedade da guarda do domingo nos Estados Unidos equivaler a impor a adoração à besta e à sua imagem.

Mas os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que em assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em todas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem. Ao rejeitarem os homens a instituição que Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma - "o sinal da besta." E somente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e este seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aqueles que continuam a transgredir não de receber "o sinal da besta."

A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais, achase contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, e sem mistura de misericórdia. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visita dos juízos de Deus, a fim de que todos possam saber por que esses juízos são infligidos, e tenham oportunidade de escapar. A profecia declara que o primeiro anjo faria o anúncio a "toda a nação, a tribo, e língua, a povo." A advertência do terceiro anjo, que faz parte da mesma tríplice mensagem, deve ser não menos difundida. É representada na profecia como sendo proclamada com grande voz, por um anjo voando pelo meio do céu; e se imporá à atenção do mundo.

No desfecho desta controvérsia, toda a cristandade estará dividida em duas grandes classes - os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, a os que adoram a besta e sua imagem, a recebem o seu sinal. Se bem que a igreja e o Estado reúnam o seu poder a fim de obrigar "a todos, pequenos a grandes, ricos a pobres, livres a servos," a receberem "o sinal da besta" (Apocalipse 13:16), o povo de Deus, no entanto, não o receberá. O profeta de Patmos contempla "os que saíram vitoriosos da besta, a da sua imagem, a do seu sinal, e do número de seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cénico de Moisés, . . . , e o cântico do Cordeiro." Apocalipse 15:2 a 3.
